

HIPÓTESES PARA A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL EM SÃO PAULO (1894-1920)

João Paulo França Streapco¹

Dra. Kátia Rúbio²

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

jstreapco@usp.br

katrubio@usp.br

Recebido em 18 de novembro de 2008

Aprovado em 12 de janeiro de 2009

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir os aspectos sociais e históricos envolvidos no surgimento do futebol, na cidade de São Paulo no final do século XIX, e seu desenvolvimento na metrópole, a partir das primeiras duas décadas do século XX. Serão analisadas as relações entre a modernização gerada pelo advento da urbanização de São Paulo, levando em consideração o aparecimento dos esportes, de novas modalidades de lazer e as novas formas identitárias relacionadas a este processo modernizador.

Palavras-chave: modernização; cultura; urbanização.

Abstract

Hypothesis to the soccer massification in São Paulo

This article aims to discuss the social and historical aspects involved with the origins of soccer in São Paulo city during the end of the nineteenth century and the its development in the first decades of the twentieth century. It analyze the relationship between the modernization and the urbanization process of the city, taking in consideration the growing of sports practice, new modalities of leisure, which involves the configuration of new forms of identities.

Keywords: modernization; culture; urbanization.

¹. Mestrando em História-Social pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

². Professora Associada da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo e professora convidada do Instituto Sedes Sapientiae – PUC/SP.

Introdução

Dentre todas as modalidades desportivas, nenhuma outra se adequou tanto à cultura brasileira como o futebol a ponto de muitos, em distintos lugares, chegarem a pensar que o esporte bretão foi de fato inventado no Brasil (DaMatta, 1994).

Embora estudos antropológicos atestem a presença de jogos com bolas, entre diversos povos ao redor do planeta Terra, fossem elas feitas de couro e látex ou simplesmente a cabeça de um adversário morto em combate cujo objetivo era um gol, a forma como o futebol é jogado na atualidade é originado na Inglaterra.

No final do século XIX, na Europa, era basicamente praticado pelas massas com um caráter de expressão de identidade do operariado e, talvez por isso tenha desenvolvido um caráter diferenciado das outras modalidades esportivas, dominadas pelas elites tidas como ‘cultas’. Dessa forma os trabalhadores acabaram por desenvolver “uma ‘cultura futebolística’ original – um conjunto específico de procedimentos sobre uma nova base social” (Hobsbawn, 1997: 297).

No Brasil a modalidade chegou por intermédio dos funcionários das companhias inglesas e dos jovens brasileiros de famílias abastadas que iam à Europa para estudar e traziam consigo o conhecimento adquirido nas escolas e universidades e os hábitos culturais desenvolvidos no velho continente.

Afirmam Gonçalves (1985), Rosenfeld (1993) e Rufino dos Santos (1981) que Charles Miller, um brasileiro de origem inglesa, que não gostava de críquet, ao voltar de um período de estudos na Inglaterra trouxe em sua bagagem o material necessário para a prática do futebol: bola, uniforme e um manual de regras. Passou a frequentar o São Paulo Athletic Club, um clube inglês dedicado ao críquet frequentado basicamente pelos funcionários da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway, em

1895.

Esse é apenas um fragmento da difusão do esporte no Brasil, mas que não explica toda a história da modalidade em seus primórdios. Pereira (2000) considera que histórias como de Charles Miller têm como finalidade atestar o caráter elitista dos primeiros tempos do esporte no Brasil.

Embora tenham tido participação decisiva na sua consolidação em terras brasileiras, eles (Charles Miller e Oscar Cox) atuavam dentro de um contexto mais amplo, que permitiu que um simples passatempo se transformasse em um verdadeiro fenômeno. (p. 23)

Nesse sentido o autor sugere superar a legenda criada em torno desses personagens e seus colegas letrados, para adentrar na lógica que moveu a consolidação dos sentidos que têm sido atribuídos ao surgimento do futebol no Brasil.

E assim, ainda no final do século XIX o futebol começou a ser praticado em clubes já existentes e outros passaram a surgir em sua função. É o caso do Club Atlético Paulistano e do Club Germânia, em São Paulo, do Fluminense e do Bangu Athletic Club, no Rio de Janeiro, do Fuss-Ball-Club e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, no Rio Grande do Sul, e do Sport Club de Belo Horizonte, quase que como uma reação em cadeia.

Rufino dos Santos (1981) descreve um pouco o que ocorria nos estádios em que se praticava o futebol oficial elitista.

Mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral, sentiam-se intrusos no espetáculo: os craques, ao saldarem a torcida, nunca se dirigiam a eles, mas à seleta assistência da arquibancada, bouquet de moças e rapazes de boa família. Era o tempo em que os intelectuais ainda gostavam de futebol e comparavam, em artigos derramados e versos eloqüentes, os jogadores a deuses gregos, os estádios ao Olimpo. (p. 15)

Independente desta postura excludente das elites dentro das praças em que se praticava o futebol oficial, a população brasileira passou a praticar o esporte de maneira

improvisada nos espaços possíveis das cidades e metrópoles, em terrenos baldios ou nas várzeas dos rios, com traves feitas de madeira encontrada nos arredores, uniformes elaborados em casa e bolas compradas através de coletas de dinheiro nas comunidades ou entre os jovens praticantes.

Na década de 1910 o futebol já era o esporte mais popular do Brasil. De acordo com Martinez (2000) a participação de jogadores advindos das camadas populares encontrou grandes resistências entre dirigentes do futebol, desembocando em uma espécie de conciliação entre as elites e as camadas populares, que levou ao reconhecimento e à aceitação nos campeonatos das Ligas Organizadas de clubes como o Corinthians, em São Paulo, e o Bangu, e posteriormente o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro.

A idéia de conciliação é problemática, quando pensamos o caso da cidade de São Paulo. Os principais clubes elitistas da cidade abandonaram o futebol quando a profissionalização se mostrava irreversível. Se quisermos falar em conciliação, devemos lembrar que esta só se deu após um longo processo, com lutas e conflitos envolvendo setores tradicionais das elites agrárias, com grupos emergentes através da industrialização, classes médias urbanas e os diversos segmentos populares, em especial, o operariado.

O problema não se restringia às questões de classe, mas passava por questões étnicas e de gênero. Dessa forma não era apenas o ‘pobre’ de uma forma geral, mas em especial os negros e mestiços que, embora gozassem da condição legal de libertos, viviam as conseqüências do racismo, da miséria e da segregação nos campos de futebol, também, fossem eles oficiais ou varzeanos.

A modernização proposta pelas elites foi vivida e transformada pelas classes

subalternas de acordo com as próprias demandas. O caso do futebol é emblemático para entendermos como a população brasileira foi protagonista de sua história, mesmo que os relatos oficiais tentem apagar este protagonismo no discurso predominante no presente. Como nos lembra Certeau (2001: 41) “as maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”. Assim foi o caso do futebol em São Paulo. Numa rede de antidisciplina (Certeau, 2001:42), já que as elites tentavam proibir as práticas populares, a população se apropriou de uma modalidade lúdica estrangeira, modificou-a, carregando-a de simbolismos que foram relegados aos seus descendentes até o presente momento.

A Primeira Guerra representaria um marco na formação da identidade nacional brasileira. Após espelhar-se por alguns séculos na Europa como modelo de cultura e de forma de vida, os horrores da guerra promoveram uma transformação nessa forma de pensar. Era chegado o momento, conforme Toledo (2002) de romper os laços que amarravam a auto-estima brasileira à cultura européia e o futebol poderia desempenhar como nenhuma outra atividade essa condição. Os senhores do poder público já eram capazes de perceber que o futebol podia desempenhar com primor a finalidade de ocupar os jovens em seus aspectos físicos (desenvolvimento da raça) e a mente (aprendizagem de atributos morais nacionalistas).

Através da trajetória do futebol na sociedade paulistana nas primeiras décadas do século XX, discutiremos alguns aspectos sociais e culturais que nos permitem entender de que maneira a população foi ativa no processo de modernização daquele período e protagonista da história da cidade.

Futebol como símbolo da modernização para a cidade de São Paulo

Quando as primeiras modalidades esportivas surgiram em São Paulo, na segunda metade do século XIX, a cidade vivia um processo dinamizado de transformações que apagaria quase todos os registros materiais da cidade colonial no espaço de poucas décadas.

No decorrer daquele século e início do século XX profundas transformações alteraram a fisionomia da cidade e os hábitos dos moradores, principalmente a elite, que aspirava à modernização prometida pelo advento da economia do café e a chegada da estrada de ferro.

Por modernização, referimo-nos ao conceito definido por Bobbio e Matteucci (1983: 1038):

Entende-se por modernização o conjunto de mudanças na esfera política, econômica e social que caracterizaram os dois últimos séculos. Praticamente, como data do começo do processo de modernização poderia mencionar-se a Revolução Francesa de 1789 e a quase contemporânea Revolução Industrial na Inglaterra que iniciaram uma série de mudanças de grande amplitude, respectivamente na esfera política e na esfera econômica, mudanças estreitamente inter-relacionadas... Estes processos de transformações profundas e frequentemente acelerados tiveram repercussões imediatas no sistema internacional e foram exportadas um pouco a todas as partes pelos europeus, ainda que prosperasse de forma lenta e parcial. Isto explica porque o processo global tenha sido designado cada vez com o nome de europeização, ocidentalização e, finalmente, com o termo mais compreensivo e menos etnocêntrico de modernização.

A presença de imigrantes, inicialmente britânicos envolvidos na construção das estradas de ferro e em outras atividades relacionadas ao comércio de café e à expansão urbana, e posteriormente outros grupos nacionais, em especial os italianos, permitiu a introdução de novas práticas culturais até então desconhecidas da população tradicional. A definição de cultura apresentada pelo antropólogo norte-americano SAHLINS (1976: 9), como “a condição social de possibilidades materiais e ideais e as duas juntas”,

servirá como referência para esse texto.

A Festa da Penha, a mais popular festa de São Paulo no final do século XIX, atraía inúmeras pessoas não apenas pela religião, mas por outras modalidades lúdicas e de lazer de caráter laico. Pelota, ciclismo, natação, basquete, pedestrianismo e todas as modalidades esportivas começavam a despertar a atenção da população que aos poucos passava a se dividir entre os festejos religiosos e as práticas laicas.

Em 1897 o jornal “A Platéia” anunciava que

todos que ali vão, uns por devoção, outros simplesmente por espírito de curiosidade, encontram ali os melhores atrativos, a começar pelos conhecidos cavalinhos de pau, e a terminar no Coliseu Festa Alegre, que tem feito as delícias dos que ali vão, atenta a concorrência de amadores, não só do esporte pelotar como do ciclismo. (ELAZARI, 1979: 21)

O futebol foi uma dessas atividades. Praticado como atividade lúdica por funcionários de empresas estrangeiras, transformou-se em modismo das elites paulistanas, popularizou-se nas décadas seguintes, quando se transformou numa expressão cultural de grande vulto em nossa sociedade. Essa popularização não ocorreu fortuitamente ou por consentimento dos grupos dirigentes da cidade, mas como um processo de lutas simbólicas envolvendo os grupos sociais, étnicos e nacionais que viviam na cidade naquele período. O próprio documento mencionado mostra que as preferências locais neste período se davam para o ciclismo em detrimento do futebol.

O suposto caráter elitista inicial do futebol derivaria do contato da elite paulistana com os técnicos estrangeiros e suas famílias que estabelecidas em São Paulo, começaram a praticá-lo nas horas livres. Charles Miller, filho de pai escocês e mãe brasileira de ascendência inglesa, nascido no Brás, é considerado por muitos memorialistas, jornalistas e historiadores, o introdutor do futebol na cidade em seu retorno ao Brasil após o término dos estudos realizados na Inglaterra.

A narrativa que transformou Charles Miller no fundador do futebol no Brasil “coincide com uma tradição autoritária brasileira de privilegiar o protagonismo das elites em detrimento dos demais grupos sociais” (FRANCO Jr, 2007: 61). Além de não explicar o processo de popularização do esporte e a maneira pela qual a população se apropriou de uma prática cultural estrangeira e a transformou numa legítima expressão nacional, serve de suporte ideológico para as elites dirigentes que comandam as federações e os clubes brasileiros ainda hoje. As estruturas políticas que condicionam o funcionamento dos esportes, desde as suas origens, são autoritárias, controladas por grupos privilegiados nas pirâmides sociais e não sofreram qualquer processo de abertura à participação popular em qualquer país do Ocidente ou Oriente que se tenha notícia.

É preciso ressaltar que o futebol não era a modalidade preferida dos britânicos que residiam no Brasil; o críquete gozava desta posição e era praticado no Rio de Janeiro e em São Paulo desde a década de 1870 (HAMILTON, 2001). Em carta publicada na Revista da Banister Court School Vol.III, nº31, de março de 1904, Charles Miller chamava a atenção para a popularidade do futebol e o descrédito do críquete entre os brasileiros (HAMILTON, 2001).

Pouco a pouco, o futebol transformou-se em um palco privilegiado, um modo de manifestação escolhido pela sociedade “para externar-se, falar, apresentar-se e revelar-se, um determinado ângulo de onde a população conta uma história de si mesma para si própria” (DAMATTA, 1982: 21).

Já em 1896, o jardim central do Velódromo de São Paulo foi transformado em campo de futebol dentro das normas internacionais, através do nivelamento realizado pelo construtor Valério José, autorizado pela Câmara Municipal. Entre 1896 e 1917 (ano de sua demolição) foi a principal praça desportiva de São Paulo dedicada ao

futebol, local onde se organizou o chamado futebol oficial da cidade, através da fundação da Liga Paulista de Futebol, onde os times e jovens da elite disputavam torneios e amistosos interestaduais.

A antiga pista de ciclismo perdeu sua função original e passou a servir de arquibancadas para a torcida de futebol. No projeto original foi construída uma arquibancada coberta para cerca de 700 a 1000 pessoas, cabendo ainda mais duas mil ou três mil pessoas em pé (REIS Filho, 1990: 6).

Se o futebol para a elite era um modismo importado, um evento social onde as famílias se encontravam e se mostravam, para alguns grupos imigrantes transformou-se na vitrine de exposição do processo de ascensão social que alguns de seus sócios estavam vivendo. Para os grupos mais pobres o futebol era um espaço de lazer e diversão. O que se observa de forma indistinta é que para todos esses grupos sociais o campo de futebol era o espaço de produção simbólica, de identidade e de sociabilidade.

Já naquela ocasião, os jogos entre *ingleses* e brasileiros atraíam até seis mil espectadores. Na final do segundo campeonato organizado pela Liga Paulista de Futebol, em 1903, segundo o próprio Charles Miller, cerca de seis mil pessoas (uma enormidade para a época) assistiram ao jogo e fizeram grande algazarra quando o time paulistano fez um gol (HAMILTON, 2001), indício de que a modalidade despertava interesse e seus fundamentos já eram dominados por setores variados da sociedade. No entanto, nada que fosse comparável ao fenômeno ocorrido em 1919, quando Paulistano e Palestra Itália se enfrentaram e mobilizaram a cidade em pleno feriado de Corpus Christi (SEVCENKO, 2003).

Da Europa para o Brasil como símbolo da ética capitalista e da Era Industrial

Embora seja uma modalidade esportiva inventada pelos britânicos no decorrer do século XIX, o futebol já estava popularizado na Grã-Bretanha e se espalhava velozmente por todo o continente europeu na mesma década (HOBSBAWN, 1989). Vale ressaltar que o início do processo de imigração no Brasil ocorreu na metade do século XIX e se intensificou por volta dos anos de 1880.

Competição, regras claras que pressupõem igualdade de condições entre os competidores e o triunfo dos melhores dentro da competição indicam o quanto o esporte representa os valores do capitalismo. Em certa medida, o futebol, assim como as demais modalidades esportivas, se popularizou também, porque sua lógica interna se adequou à ética capitalista. A moralidade competitiva, onde se busca a vitória a qualquer custo e os adversários são tidos meros obstáculos a serem superados, aponta as semelhanças entre o sistema competitivo esportivo e o modo de produção que vigora na maioria dos países ocidentais desde o século XIX.

Em um país que buscava espaço na dinâmica capitalista do mercado mundial, promovendo para isso importantes alterações em suas estruturas políticas e sociais, como a abolição da escravidão e a proclamação da República, o esporte tinha grandes chances de se popularizar. Isso não explica, no entanto, os motivos que transformaram o futebol na modalidade esportiva mais popular no Brasil.

Os europeus que aqui aportavam já conheciam o futebol ou modalidades com bola que se assemelhassem ao futebol. Por esta razão, os aspectos corporais ou éticos insinuados pelo futebol também foram reconhecidos por esta população imigrante e seus filhos. Aqueles que não vivenciavam qualquer processo de ascensão, aliás, a maioria, descobriam no futebol um passatempo lúdico, fácil de praticar, por permitir o

improvisado com equipamentos baratos, nos espaços públicos da metrópole que se formava. Por fim, esta população imigrante buscava novos meios de ascensão social ou de construção da própria identidade numa terra nova, num país distante com cultura distinta daquela de seu país de origem, levando a supor que a adoção do futebol tenha sido um ato comum entre os grupos imigrantes.

Muitas equipes deste período foram criadas por grupos de imigrantes. Algumas equipes expressavam a nacionalidade e a condição de imigrantes dos fundadores e simpatizantes nos nomes das agremiações como Germânia, Clube Sírio, Palestra Itália, Portuguesa de Desportos, entre outros. Alguns times fundados por imigrantes não chegaram a adotar nomes que os identificassem com alguma colônia estrangeira, caso do Corinthians Paulista e do Juventus, que fundados por italianos (o primeiro por espanhóis, também), adotaram o nome de times europeus famosos na época.

Do rural ao urbano: um processo que permitiu o desenvolvimento das práticas esportivas em São Paulo

Como já foi mencionado, a cidade colonial que tinha seus principais referenciais culturais baseados nos elementos católicos e rurais, vivia um processo de alterações que se não era novo, tomava proporções que chamavam a atenção da população daquela época.

Durante os primeiros séculos da colonização portuguesa, o direito eclesiástico condicionou a urbanização das cidades brasileiras e as igrejas eram marcos arquitetônicos e simbólicos desse poderio

por que é preciso ter presente que, por via da legislação civil e das diversas e circunstanciais concórdias com o Vaticano, os cânones ou as regras do direito eclesiástico também presidiram a vida nos primeiros séculos de nossa evolução. Consequentemente, também se impuseram, ainda que de forma nem sempre flagrante, na configuração ou no delineamento de nossas concentrações humanas

e de seus espaços comuns (MARX, 1988: 22).

Indo além, é possível afirmar que os laços estabelecidos pelos moradores com a religiosidade e as instituições católicas extrapolavam as questões de fé e se tornavam laços identitários, como a pertença a irmandades, a obrigação e ou a alegria de estar presente nas festas e procissões ou mesmo de patrociná-las, ou ainda, “encarar cerimônias fúnebres como diversões *sui generis*” (MOURA, 1998: 67).

Saint-Hilaire quando fala da vida urbana no Brasil no começo do século XIX, em visita à cidade de São Paulo, afirma que “a população permanente da vila é escassa; a maioria de suas casas pertencem a agricultores, que nas mesmas só permanecem aos domingos e dias santos, para assistirem a solenidades religiosas” (SAINT-HILAIRE, 1972: 30). Alguns autores afirmam que

os antigos se divertiam muito nas festas da Igreja... Uma missa cantada de três padres, acólitos, ceroferários etc., era uma festa em si... A procissão era uma festa para os olhos e os ouvidos... Para os costumes que estamos lembrando são de alguma utilidade os relatos de viajantes estrangeiros, embora não de todo contemporâneos. Achavam que o povo brasileiro viva em festas. É que havia muitos dias-santos (MOURA, 1998: 67).

Murillo Marx, ao analisar o processo de secularização das instituições e espaços públicos da cidade afirma que “estas festas católicas e as manifestações que elas ensejavam constituíam quase que os únicos momentos de animação maior, momentos excepcionais, num palco de atividades muito medíocres” (MARX, 1988: 7). Embora não concordemos com o autor sobre a mediocridade destas atividades, em especial se levarmos em consideração as experiências cotidianas da população da cidade do século XIX, a citação é esclarecedora sobre as práticas culturais predominantes naquele século, em São Paulo.

As festas profano-religiosas eram a principal forma de diversão e lazer da cidade na segunda metade do século XIX. A já mencionada Festa da Penha, a festa do Divino Espírito Santo e as Festas Juninas gozavam de grande popularidade e não eram as únicas; Festa de Santa Cruz, Festividades da Semana Santa, procissões e romarias, em especial para Pirapora, onde ocorria a mais popular festa dos arredores de São Paulo.

Poder organizar ou patrocinar uma Festa da Penha ou a festa do Divino Espírito Santo era privilégio de algumas pessoas ou famílias que eram reconhecidas socialmente por ocasião das festas, como “festeiras”. As duas eram amplamente noticiadas pelos jornais do século XIX e começaram a perder espaço a partir da primeira década do século XX.

Em 1879, os trens que levavam a população da cidade para a Penha no “dia 8 de setembro registraram a venda de 4889 bilhetes de ida e volta” (ELAZARI, 1979: 15). Por ocasião desta festa, a cidade inteira se mobilizava e o afluxo de pessoas para a Penha era enorme. Segundo algumas fontes, “cerca de 1/3 da população da cidade afluíam para a festa todos os anos, o que deixava a cidade com aspecto de deserta ou assolada por epidemias e guerras” (ELAZARI, 1979: 16). Curiosamente, aponta o autor, as festas cívicas, como o dia da Independência, não despertavam o mesmo interesse da população. E mesmo quando as autoridades locais promoviam algum evento ou ato solene, poucos se interessavam por ele.

Só a partir do século XX, o dia da Independência ganhou popularidade, assim como o da Proclamação da República, o dia de Tiradentes, de Primeiro de Maio e da Abolição da Escravidão. Embora nem todas fossem organizadas pelo poder constituído, “quase todas tinham um caráter celebrativo nas quais a participação da população se restringia a assistir aos espetáculos, quase sempre desfiles militares, discursos políticos

ou peças de teatro” (ELAZARI, 1979: 45).

Novos espaços e agentes sociais para técnicas do corpo cognoscíveis.

As formas de identidade tradicionais foram aos poucos sendo substituídas por novas identidades que mesclavam elementos vindos da Europa através da imigração ou dos modismos adotados pela elite cafeeira que rapidamente ecoavam nos demais grupos sociais. Aliás, este processo não era exclusivo da população paulistana e era visível em outras cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, então capital federal, Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a recém fundada Belo Horizonte, em Minas Gerais, em outras capitais, ou mesmo em cidades de menor projeção política e econômica pelo interior do país.

O processo de urbanização, a construção dos arranha-céus, a imigração e a ocupação de novas áreas da cidade permitiram o desenvolvimento de práticas culturais relacionadas à modernização. Estas práticas modernizadoras foram assimiladas e incorporadas ao universo cultural brasileiro porque não eram de todo estranhas e podiam ser assimiladas e/ou redimensionadas pela sociedade.

Se, hoje, podemos falar em mimetismo no caso do futebol em nossa sociedade (FRANCO Jr, 2007), este ocorreu porque a população brasileira dominava determinadas técnicas do corpo que lhe permitiram se servir do futebol como instrumento de lazer, de atividade social ou identitária. O conceito de técnicas do corpo vem de Mauss (2003: 401), que entende “por esta expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional sabem servir-se de seu corpo”.

Já na década de 1920, Lima Barreto temia que o futebol causasse o desaparecimento dos capoeiras na cidade do Rio de Janeiro (BARRETO, 2004). No

prefácio do livro de Mário Filho, Gilberto Freyre salienta esta possibilidade analítica sobre o processo de popularização do futebol como uma fusão de elementos culturais pré-existentes como a dança e a capoeira, que permitiram à população brasileira ter o domínio de determinadas técnicas corporais perfeitamente aplicáveis ao futebol.

O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios – os floreios barrocos são do gosto brasileiro – um crítico da argúcia do Mário Filho pode dizer que ele está mais para o nosso futebol como Machado de Assis está para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais... Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas de qualquer modo, dança. (RODRIGUES Filho, 2003: 25)

Embora não fosse a prática esportiva predileta dos britânicos, tão pouco fosse a prática esportiva pioneira entre os grupos elitistas da cidade, dentro daquelas práticas culturais “modernizadoras” introduzidas em São Paulo no final do século XIX, o futebol era a que permitia mais facilmente a fusão com estes elementos culturais tradicionais conhecidos por quase 1/3 da população da cidade, no início do século XX.

Assim, num período de tempo que vai de 1895 a 1920, os espaços públicos como terrenos, largos, ruas e várzeas dos rios foram se transformando em espaços para que a população pobre da cidade pudesse jogar futebol, ainda que de maneira improvisada, da mesma forma que a elite se utilizava das Chácaras, do Velódromo

Municipal ou do Parque Antarctica.

A primeira partida organizada por Charles Miller ocorreu na Chácara Dulley que ficava no bairro do Bom Retiro e era utilizada pelos britânicos para a prática do Críquete, em 1895, envolvendo funcionários da São Paulo Railway e da Cia. do Gás. A Chácara da Floresta se transformou no principal espaço esportivo da cidade após a demolição do Velódromo, assim permanecendo até a inauguração do Estádio Municipal de São Paulo, no final dos anos 1930. O Parque Antarctica foi construído no início do século XX pela Cia. Antarctica Paulista para ser utilizado como uma área de lazer para a população, sendo aproveitado por diversas equipes neste período, e posteriormente foi comprado pela Sociedade Esportiva Palestra Itália.

A prefeitura tentou regulamentar as práticas de futebol, a partir de 1904, através da lei nº 702, de 5 de janeiro daquele ano, proibindo sua prática fora dos locais indicados como adequados, mas a lei não foi cumprida, sendo reeditada em 1923 (Acto nº 2007, de 28 de abril de 1923).

Na primeira década do século, o futebol se popularizou pela cidade e não havia bairro ou vila que não tivesse sua equipe organizada, como nos mostra a carta de Charles Miller (HAMILTON, 2001). Além disso, as regras já estavam bem assimiladas pela população, em especial pelas crianças e jovens. Desse processo deram-se a fundação de equipes de origem e apelo popular como o Sport Club Corinthians Paulista, em 1910, e a Sociedade Esportiva Palestra Itália, em 1914.

A área preferida pela população pobre para a prática do futebol era a Várzea do Carmo, região que inundava nos meses de chuva no verão, mas que se transformava em uma grande área propícia para o futebol nos demais meses do ano, ao lado dos bairros operários da cidade. Por esta razão, o futebol praticado pela população pobre ficou

conhecido como futebol de várzea.

O futebol “oficial” era praticado pela elite da cidade nos *clubs* e ganhou essa denominação por causa da criação de uma Liga, desde 1902, que organizava campeonatos entre os clubes que só aceitavam sócios de alto poder aquisitivo, de origem estrangeira ou nacional. Times como o São Paulo Athletic Club, A.A. das Palmeiras e Paulistano se destacaram neste período.

A fusão do futebol popular e da elite se deu a partir de 1917 não sem brigas, rivalidades, disputas e rupturas nas ligas esportivas e só se consolidou nas décadas de 1930 e 1940, com a fundação da Federação Paulista de Futebol. Neste período foram fundadas a Liga Paulista de Futebol, a Associação Paulista de Esportes Amadores e a Liga Amadora de Futebol que se fundiam ou desapareciam de acordo com estas rivalidades. É esta a razão de termos dois campeões paulistas em alguns anos.

Concomitantemente ao processo de popularização, os processos de profissionalização e mercantilização do futebol não demorariam a ocorrer, com a cobrança de ingressos para as partidas, exploração dos bares dentro dos estádios ou a venda de produtos relacionados com os times, contratação dos melhores jogadores, regulamentação da profissão de jogador, aparecimento da crônica esportiva e dos jornais especializados etc.

Bibliografia

BLAJ, Ilana. *Trama das tensões*. São Paulo, Humanitas/Fapesp, 2002.

BARRETO, Lima. *Toda a crônica*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.

BOBBIO, Norberto e MATTEUCCI, Nicola. *Dicionário de Política*. Cidade do México, Siglo Veinteuno Editores, 1983.

BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã. Um estudo das elites do século XVII*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro, Edições Pinakotheke, 1982.

ELAZARI, Judith Mader. *Lazer e vida urbana. São Paulo 1850-1910*. Dissertação de mestrado apresentada ao Depto. de História da FFLCH – USP, 1979.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Ática, 1978.

FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos Deuses. Futebol, sociedade, cultura*. São Paulo, Cia. Das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio: *As raízes do país do futebol. Estudo sobre a relação entre futebol e a nacionalidade brasileira*, dissertação de mestrado apresentada ao Depto. de História da FFLCH – USP em 2000.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente! Futebol: A maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro, Gryphus, 2001.

HOBSBAWN, Eric. *História Social do Jazz*. São Paulo, Paz e Terra, 1989.

_____. *Mundos do trabalho. Novos estudos sobre história operária*. São Paulo, Paz e Terra, 1984.

MARX, Murillo. *Nosso chão: do sagrado ao profano*. São Paulo, Edusp, 1988.

MATOS, Maria Izilda de. *Trama e poder. Um estudo sobre as indústrias de sacaria para o café (São paulo 1888-1934)*. São Paulo, Sedoc/Sesi, 1994.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

MORGAN, William J. *Why Sports Morally Matter*. Nova Iorque e Londres, Routledge,

2007.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Vida cotidiana em São Paulo*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1998.

NEGREIROS, Plínio Labriola: *A nação entra em campo. Futebol nos anos 30 e 40*. Tese de doutorado, PUC-SP, 1998.

RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola. 100 anos de História da Federação Paulista de Futebol. I Volume*. São Paulo, CNB Comunicação e Marketing, 2000.

REIS Filho, Nestor Goulart. Futebol e os velódromos. *Jornal da Tarde*, 09.06.1990, p.6.

RODRIGUES Filho, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Faperf/Mauad, 2003, 4ª Edição.

RODRIGUES, Néelson. *A pátria em chuteiras*, São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

_____. *À sombra das chuteiras imortais*, São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. São Paulo, Martins Fontes, 1972.

SANTOS Neto, José Moraes dos. *Visão do jogo. Primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

SAES, Décio. *A formação do estado burguês no Brasil (1888-1891)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990. 2ª Edição.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Cia. das Letras, 2003.

URBANO, Maria Aparecida. *Carnaval & Samba em São Paulo*. Plêiade, São Paulo, 2005.